

Há coisas mais sérias a fazer, adverte Simonsen

06 MAI 1982

Economia - Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO

Da sucursal do
RIO

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, afirmou, ontem, que há uma tendência da imprensa econômica de dar muito valor às estatísticas, como se fosse uma coisa muito importante, mais 0,5% ou menos 0,5%, no crescimento da economia ou de qualquer outro fator. "Primeiro, isso não aumenta o nível geral de felicidade das pessoas; segundo, quando se analisa a forma como são calculados os agregados, não se vê razão para tanto entusiasmo, tais são as margens de erro."

Segundo Simonsen, a revisão das estatísticas feita pelo IBGE apresentou "resultados substantivos, mas não sei quais as razões que motivaram essa revisão". Disse também que a revisão histórica vai alterar os novos cálculos de PIB de anos anteriores, "não sei se para cima ou para baixo".

Mário Henrique Simonsen afirmou que o principal problema do Brasil, hoje em dia, é a falta de um orçamento unificado; que o governo obedeça às despesas empenhadas; que o Congresso as vote, enfim, que haja uma disciplina e um ritual. Simonsen duvidou de que o governo saiba atualmente qual é o seu déficit ou que venha a saber qual será no final do ano. Como ninguém sabe qual é, como ninguém fiscaliza os gastos do governo

para o orçamento, há uma inevitável expansão dos ativos das autoridades monetárias que precisam ser absorvidos mediante uma voracidade do "open", usado para controlar essa enorme quantidade de dinheiro que flui continuamente do controle das autoridades monetárias.

O ex-ministro disse não esperar efeitos diretos trazidos pelo conflito das Falkland prejudicando a capacidade do Brasil de obter empréstimos externos. Segundo Simonsen, há dois efeitos: um diferencial, a favor do Brasil, e outro global, contra o Brasil. Explicou que o banqueiro internacional, ao analisar um pedido de empréstimo, examina país por país, e que o conceito de América Latina é meramente geográfico e não um conceito administrativo, não podendo ser extrapolada a situação de um país para outro pelo simples fato de ser vizinho.

O denominado efeito global pode ser desfavorável ao Brasil, na medida que for desfavorável ao mercado. Simonsen não sabe se a Argentina resolverá de forma satisfatória seu problema de dívida externa, boa parte vencível a curto prazo. Pode ser mais um a entrar no rol dos países em dificuldades com seu balanço de pagamentos, como a Polônia, Romênia e outros. Nesse sentido, o problema poderá afetar o Brasil, mas, mesmo assim, acha que dá, para se captar os recursos necessários para fecharmos o nosso balanço de pagamentos desse ano.